

Logradouros Atuais – B, C

BANDEIRA, PRAÇA DA, bairro

Ver Praça da Bandeira.

BANDEIRANTES, JARDIM, bairro

Ver Jardim Bandeirantes.

BELA VISTA, bairro

A lei nº 1.456, de 02.08.79, dispõe sobre denominação deste bairro, toda a sua extensão e a área de que trata a lei nº 1.361. Ele abrange a avenida dos Expedicionários, as ruas Adávio Pires de Almeida, Alceu Junqueira Ferraz, Antenor Ribeiro dos Reis, Edmundo Dias da Costa, Eduardo Clementino da Silva, Emílio Ramos Pinto, Francisco Fortes da Silva, Haroldo Maranhã, João Gonçalves, João Teixeira de Moura Guimarães, Joaquim Pereira de Oliveira, José Aragon Pinheiro, José de Souza Lima, Luiz Monteiro Resende, Manoel Monteiro, Mory Baptista, Oldemar Montenari, Roberto Vizani Yung, Rolando Ladeira Salgado, Wilson Berbari e as praças José Bastos de Faria Freire e Washington Andries. Atualmente é o bairro mais populoso da cidade.

O local desenvolveu-se após a retirada dos trilhos da estrada de ferro, o que possibilitou a abertura de melhor acesso ao bairro.

Ver “Linha”, em Antigos Logradouros.

BELA VISTA, JARDIM, bairro

Ver Jardim Bela Vista.

BELARMINO FERREIRA DA COSTA, travessa

(Fábrica) – Foi através da lei nº 2215, de 22.06.90, que a via pública que liga as rua Pompílio Guimarães e Mercedes R. Carneiro Cerqueira, recebeu a denominação oficial de Belarmino Ferreira da Costa..

BELISÁRIO DE OLIVEIRA E SILVA, rua

(Fátima) – Liga a rua Álvaro B. Junqueira, no bairro de Fátima, à rua Custódio Junqueira. Recebeu este nome pelo projeto do vereador Darcy Luiz V. Rezende, que se transformou na lei nº 1679. de 17/08.84.

Belisário nasceu em 10.08.1911 em Santos Dumont e faleceu em Leopoldina 20.03.78. Era transportador rodoviário e carinhosamente conhecido como Biliza. Foi casado com Lourdes Rodrigues Moraes e Silva. Durante muitos anos residiu, com uma de suas filhas, na rua que recebeu o seu nome.

BENEDITO VALADARES, rua

(Praça da Bandeira) – Começa na avenida Getúlio Vargas e termina na praça Zequinha Reis.

Aqui, um dos autores viveu a sua infância e juventude convivendo, dentre outras, com as famílias: André, Araújo, Benati, Botelho, Castro, Esteves, Lupatini, Marino, Paixão, Pimentel, Rodrigues, Ruback, Santos e Souza Jesus.

Benedicto Valladares era advogado e descendia de família tradicional da política mineira pois era sobrinho-neto do Conselheiro (do Império) Martinho de Campos. Foi vereador e prefeito de Pará de Minas (MG). Participou ativamente da revolução de 1930. Eleito deputado federal, aproximou-se da presidência e foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas para interventor no estado de Minas Gerais, no período político que se convencionou chamar-se por Estado Novo. Restabelecidas as eleições, elegeu-se governador do estado.

BERNARDINO JOSÉ FIDÉLIS, rua

(Três Cruzes) – Começa na rua Manoel Turíbio Barbosa. Seu nome atual surgiu com a lei nº 3141, de 23.04.99.

BOA SORTE, bairro

A estrada que liga ao bairro parte da BR-116, no Km 775.

Boa Sorte era o nome de uma das fazendas incorporadas à Colônia Constança. Nela funcionou a sede da colônia. Ali, também, sempre existiu o campo de futebol do Boa Sorte Futebol Clube, supervisionado pelo inesquecível João Bonin.

A Colônia Constança foi criada em 1910, conforme Decreto nº 2801, de 12.04.1910 e possuía, inicialmente uma área de 18.797.500 metros quadrados, dividida em 65 lotes e 2 logradouros públicos. Logo em seu primeiro ano, o Estado concluiu pela mudança da destinação dos espaços públicos e os incorporou à área agricultável, na forma de três novos lotes. Desta forma, a Colônia passou a contar com 68 lotes.

Ainda com o propósito de aumento do número de lotes, foi também adquirida a fazenda Palmeiras. Esta fazenda foi então dividida em 5 lotes passando a Colônia a contar com 73 lotes. Ao final do exercício de 1912, apenas 64 destes lotes estavam ocupados.

Hoje, a maioria desses lotes não guardam sua forma original e alguns deles foram subdivididos o que vem transformando o local num bairro bastante povoado.

BOTELHO REIS, PROFESSOR, praça



(Centro) – Seu primeiro nome foi largo do Passeio. Em 1880, por proposta do vereador Teodoro Carneiro, recebeu o nome de largo Visconde do Rio Branco. Neste largo, segundo jornais da época, funcionava a farmácia Central e o hotel Antunes.

É geralmente conhecida como praça do Ginásio, embora nela estejam, além do Colégio Estadual Professor Botelho Reis (antigo Ginásio), o Conservatório Lia Salgado, o Clube Leopoldina e o Lactário.



Ginásio



Clube Leopoldina



Lactário em construção

Como curiosidade registramos que a Gazeta de Leopoldina, de 19.09.1911, fala no jardim do largo Visconde do Rio Branco, ainda não inaugurado, que seria o jardim central da cidade naquela ocasião. No dia 4 de setembro de 1928, passou a chamar-se praça Professor Botelho Reis.

O nome atual desta praça é uma homenagem ao professor, inspetor de alunos, secretário, vice diretor e um dos fundadores do Ginásio Leopoldinense, o professor José Botelho Reis, nascido em Aiuruoca, MG, no dia 29 de dezembro de 1887, filho de Olympio de Souza Reis e Helena Constança de Andrade. A família transferiu-se para Leopoldina logo após seu nascimento. Estudou em Barbacena e no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Casou-se com D. Emerenciana, filha de Adeodato de Andrade Botelho. Faleceu em Caxambu, MG, no dia 7 de fevereiro de 1926 e seus restos mortais foram trasladados para Leopoldina em 1933.

Em 1936 iniciou-se a construção do Grupo Escolar que leva o seu nome, localizado na praça Professor Ângelo.

BOTELHO, SENADOR, praça

(Meia Laranja) – É a praça principal do bairro. Homenageia o senador (estadual) Francisco de Andrade Botelho.

Segundo o Dr. Joaquim Custódio Guimarães, em “História da Medicina em Leopoldina”, o Dr. Francisco de Andrade Botelho era médico, nasceu em 22.06.1867. Filho do conselheiro Fidélis de Andrade Botelho e D. Emerenciana Eliza de Andrade Botelho. Formou-se pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 1890. Casou-se com D. Maria Nazareth Junqueira Botelho em 1891. Em 1911 foi eleito pelo Partido Republicano Mineiro para uma das cadeira do senado estadual, sendo reeleito em 1919. Faleceu em 12.04.1923.

O senador Botelho era pai do Dr. Ormeu Junqueira Botelho, também homenageado em logradouros da cidade.

BR-116, rodovia

É a estrada que contorna a cidade, geralmente conhecida como Rio-Bahia.

Vale registrar que a primeira estrada Rio-Bahia, de saibro, inaugurada pelo presidente Getúlio Vargas, em 24.10.1939, passava pelas atuais ruas Nossa Senhora Aparecida e Alan Kardeck, praça João Bella, avenidas Humberto de Alencar Castelo Branco e Getúlio Vargas, praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda e pela rua José Peres, seguindo para Laranjal, mais ou menos pelo trajeto atual.

No final dos anos 50 e início da década de 60, esta estrada recebeu o asfalto e parte do seu trajeto foi alterado com a abertura da atual avenida Jehu Pinto de Faria.

Até essa época o posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal, era no início da avenida Jehu Pinto de Faria, ali no final da avenida Getúlio Vargas. Esse local depois ficou conhecido como “Gato Preto”, em função de um bar e restaurante com este nome, que se abriu na esquina da atual rua Gustavo Barbosa Miranda com avenida Getúlio Vargas.



No final da década de 60, início dos anos 70, construiu-se o trecho atual, inicialmente conhecido como Contorno, passando pelas proximidades do alto do cemitério.

BRITOS, rua

(São Sebastião) - Liga a avenida dos Expedicionários à estrada que dá acesso a fazenda “Dom Pedrito”, no sentido norte-sul. Seu nome surgiu com a lei nº 1.545, de 26.04.82. Esta via era oficiosamente conhecida como “Estrada dos Britos”, segundo a justificativa do projeto de lei que lhe deu o nome oficial.

Os Britos são numerosos aqui desde a época do início do povoamento do Feijão Cru. Profundamente ligados aos Gonçalves Neto e Almeidas, antes de migrarem para cá, uniram-se a outras famílias como os Lacerdas, Wernecks, etc. O ponto inicial de localização da família foi a fazenda da Cachoeira, formada pelo patriarca Joaquim Ferreira Brito.

Ver João Gualberto e Joaquim Ferreira Brito.

CAIÇARA, bairro

Está localizado nas proximidades do posto de fiscalização da Polícia Rodoviária Federal. Surgiu com a expansão do local e a abertura de novas ruas, sem um projeto original de um loteamento. São referidas como sendo do bairro Caiçara, dentre outras, as ruas Custódio Lacerda, David Pereira, João Botelho, José Camilo Ferreira, Mário Rayol e Nízia Lacerda Zaquine.



O nome do bairro tem sua origem num bar e restaurante desse nome, muito utilizado como ponto de parada de ônibus e caminhões, que existiu ali e foi demolido por ocasião da abertura do trecho da BR-116 (Contorno) e construção do Posto da Polícia Rodoviária Federal.

O termo caiçara significa o cercado usado pelas tribos indígenas para proteger as tabas e passou, ao longo do tempo, a significar também os próprios indígenas ou mestiços com a raça. Ver, ainda, Jardim Caiçara, bairro.

CÂNDIDA MARIA DE JESUS, MADRE, avenida

(Limoeiro) – É o leito da antiga estrada para Cataguases, a partir do trevo indo em direção da fazenda do Limoeiro. Sua denominação surgiu a partir do projeto dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Jair de Almeida Lacerda, datado de 09.10.81, que se transformou na lei nº 1.519.

Natural de Guipúscoa, Espanha, Joanita Joseja, a nossa Madre Cândida, nasceu a 31.05.1845. Era filha de João Miguel Cipíttria e Maria Jesus Bariola. Viveu 67 anos. Não teve oportunidade de estudar na infância, devido à situação financeira da família. Foi empregada doméstica e sempre procurou ajudar aos mais necessitados. Aos 26 anos se faz religiosa e recebe o nome de Cândida Maria de Jesus. É fundadora e primeira diretora da Congregação das Filhas de Jesus, em Salamanca, Espanha.

Presentes no Brasil desde 1911, quando as primeiras se instalaram em Pirinópolis (GO), as Filhas de Jesus chegaram a Leopoldina em 1918, quando fundaram o Colégio Imaculada Conceição.

CÂNDIDA MARIA FAJARDO LAMOGLIA, rua

(Maria Guimarães França) – Começa na rua Raphael Iennaco e finda na rua Maria Castanheira. Recebeu esta denominação a partir da lei nº 1148, de 10.09.76.

Cândida era filha de José Lammoglia e Conceição Fajardo, neta paterna de Antonio Lammoglia e Margaretha Lorenzeto. Seu pai era irmão de Filomena Lammoglia, esposa de Optato Lacerda França também homenageado em logradouro.

CÂNDIDO LADEIRA, rua

(Centro) – Começa na rua Presidente Carlos Luz, em frente ao antigo mercado municipal e sobe em direção do bairro Pirineus.

Cândido Barbosa Dias Ladeira era casado com Olga Barbosa Ladeira, também nome de rua na cidade.

CÂNDIDO VELOSO, rua

(Vila Miralda) – Começa na avenida Humberto de Alencar Castelo Branco. Seu nome oficial surgiu com a lei nº 1079, de 07.03.1975.

O nome completo do homenageado era Cândido Augusto Veloso.

CARLINDO DE ALVARENGA MAYRINCK, rua

(Fátima) – Liga a rua Gentil Pacheco de Melo à rua Farmacêutico Durval Bastos. O nome desta rua surgiu com a lei nº 511, de 06.02.1964, que denominou rua Carlindo Alvarenga Mayrinck, a rua que partindo da Vinte e Sete de Abril, segue em direção a estrada de Providência, numa paralela à rua Rafael Domingues.

É uma homenagem ao antigo diretor técnico do Ginásio Leopoldinense, professor Carlindo Alvarenga Mayrinck, que foi casado com a professora Marieta Macielo. Professor Carlindo lecionou, também, no colégio Imaculada Conceição e no colégio Sagrado Coração de Jesus, de propriedades das irmãs Ernestina e Consuelo Vidal Leite Ribeiro.

Nascido no dia 20 de agosto de 1897 em Santo Antônio do Grama, então pertencente a Ponte Nova, era filho de Francisco de Paula Assis Mayrinck e Virginia Freire de Andrade Alvarenga. Faleceu em Belo Horizonte a 20.10.1962

No Almanack do Arrebol, ano 2 nº 6, diz que ele cursou o primário com a própria mãe. No entanto, no livro Memória Histórica de Santo Antonio do Grama, de José Henrique Domingues, consta que em 1881 foi criada a “instrução primária” naquela localidade e que em 1899 os professores eram Francisco Lourenço Mayrinck e sua esposa Maria de Nazareth, sendo que ela permaneceu como professora até 1913, quando foi substituída pelas primeiras normalistas.

CARLOS LUZ MENEGHETE, praça

(Maria Guimarães França) – Esta praça fica no início da rua Raphael Iennaco. Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 1.617, de 13.06.1983, de autoria do vereador Vicente Thomas Schettino.

Carlos Luz Meneghetti nasceu a 21.04.1961. Era filho de João Meneghetti e Maria Nazareth Sodré. Neto paterno de Ermenegildo Meneghetti e Genoveffa Calzavara. Faleceu aos 19 anos, no dia 07.10.80, quando servia ao Exército Brasileiro, em Juiz de Fora.

São seus irmãos: Luiz Otávio, editor responsável pelo jornal Leopoldinense, do Grupo Leopoldinense de Notícias; Terezinha de Jesus; Fátima Lucia; Giovani Batista; Rogério José; Izabel Cristina; Maria Tereza; e, Guilherme José.

O avô paterno de Carlos Luz, Ermenegildo Meneghetti, nasceu a 28 julho 1881 em Campolongo Maggiore, Venezia, Italia, passou ao Brasil com sua família em 1888, desembarcando do vapor Washington no Porto do Rio de Janeiro. Casou-se com Genoveffa Calzavara a 18 Janeiro 1911 e faleceu em Leopoldina a 21 Outubro 1927.

Ermenegildo e Genoveffa foram pais também de Ana, Antonio, Felice, Fortunata, Helena, Sante e Maria Meneghetti

Ermenegildo ou, Gildo como era habitualmente conhecido, era filho de Sante Meneghetti e de Regina Formenton, neto paterno de outro Sante Meneghetti e Maria e, neto materno de Giuseppe Girolamo Formenton e Maria Formenton. Sabe-se que seus irmãos a seguir relacionados, viveram na região de Leopoldina: 1 - Felice Augusto Meneghetti, nascido 7 agosto 1873; 2 - Costantina Meneghetti, nascida 23 agosto 1876, casada com Giovanni Battista Gottardo a 12 novembro 1904 em Leopoldina; 3 - Verginio Meneghetti, nascido 17 fevereiro 1879, casado com Teresa Ceoldo a 16 janeiro 1904 em Leopoldina; 4 - Amabile Eva Meneghetti, nascida 21 março 1887, casada com Felice Montovani a 22 novembro 1911 em Leopoldina; 5 - José Meneghetti, nascido 29 setembro 1890 em Leopoldina, casado com Alice Stefani; 6 - Fortunato Meneghetti, nascido 13 maio 1893 em Leopoldina, casado com Felomena Bonini 28 julho 1917; 7 - Maria Meneghetti, nascida 13 maio 1893 em Leopoldina, onde se casou com Pietro Gallito a 28 abril 1917 em Leopoldina

Genoveffa era filha de Giuseppe Calzavara e Ana Scantambulo, família que também passou ao Brasil no mesmo vapor Washigton, junto com seus irmãos Regina, Pietro, Antonio e Amalia Calzavara, sendo que esta casou-se com Otavio de Angelis, também italiano nascido a 28 agosto 1884 em Terni, Umbria. Já em Leopoldina Giuseppe e Ana tiveram mais um filho, Pedro Angelo Calzavara, nascido a 7 julho 1897.

O sobrenome original, Meneghetti, é de uma família procedente do *comune* de Campolongo Maggiore, provincia de Venezia, região do Veneto, Italia.

Ver também Santo Meneghetti e João Meneghite.

CARLOS LUZ, PRESIDENTE, rua

(Centro) – Começa na rua José Peres e termina da praça Gama Cerqueira. Seu primeiro nome foi rua Nova. Em 1954 já era conhecida como rua Thebas. Nela funcionou o mercado Municipal, a primeira agência do Banco do Brasil na cidade, a serraria São José, a primeira garagem da empresa de ônibus TAVIL, a UBOL (União Beneficente dos Operários Leopoldinenses) e o engenho Santa Adelaide. Tornou-se rua Presidente Carlos Luz, em homenagem ao grande político radicado em Leopoldina,



Dr. Carlos Coimbra da Luz, falecido em 1961, a partir da lei nº 394, de 01.03.1961. O Dr. Carlos Luz foi, em Leopoldina, advogado, delegado de polícia e presidente da câmara no período de 1923 a 1931. No âmbito estadual, foi o organizador do plano rodoviário da Zona da Mata, Secretário de Agricultura e do Interior. Eleito Deputado Federal, tornou-se líder da bancada e da maioria. Exerceu o cargo de presidente da Caixa Econômica Federal e, finalmente, de presidente da República, de 09 a 11.11.1955.

CARLOS MAGNO GESUALDI BARBOSA, rua

(Centro) - A rua que parte da rua José Peres e finda no entroncamento das ruas Dr. Custódio Junqueira e praça General Osório recebeu esta denominação através da lei nº 3.328, de 18.12.2000. É o antigo trecho da linha férrea paralelo à rua José Silva, ao lado da praça Félix Martins, hoje utilizado como ponto de táxi.

É uma homenagem ao empresário geralmente conhecido como Maguinho, filho de Carlos Barbosa e Nanete Gesualdi que, além de outros empreendimentos, era proprietário da Magmar Confeções e foi o incorporador do Shopping Mar Center.

CARLOS RUBENS CASTRO MEIRELES, rua

(Seminário) – Liga a rua Padre José Domingues Gomes à rua Professor Joaquim Guedes Machado. É a rua que passa pelos fundos do Colégio Estadual, margeando o Feijão Cru. Era conhecida como rua da “Bomba”, porque ali existiu, quando da abertura da rua, um poço artesiano que fornecia água para a cidade, antes da captação das águas do rio Pirapetinga. A lei nº 664, de 02.10.1968 diz que: “Fica denominada rua Carlos Rubens de Castro Meireles o logradouro público que partindo da rua Três de Junho e passando pela unidade esportiva do Colégio Estadual Botelho Reis, vai ter a rua Padre José Domingues e ao encontro da praça do Rosário.”

Carlos Rubens era filho de Itamar Meireles Carneiro e Zoé Lina Barbosa de Castro, tendo nascido no dia 14 de janeiro de 1937 em Tebas e falecido a 02 de abril de 1968 em Leopoldina. Neto materno de Joaquim Barbosa de Castro e Emiliania Antunes de Faria, sobrinho do Colatino Barbosa de Castro e de Eurídice Castro Esteves que também são nomes de ruas da cidade.

Ver família em Colatino Barbosa de Castro.

CARLOS SCHETTINO, rua

(São Cristóvão) – Liga a avenida Funchal Garcia à rua Nicácio Sales. Recebeu este nome através da lei nº 1.309, de 06.10.78.

Aqui vale uma curiosidade a cerca da família Schettino. Ciro Mioranza, no seu Dicionário de Sobrenomes Italianos ensina que o sobrenome Schettino designa um cidadão sincero, aberto, claro, direto e verdadeiro. A forma Schettini, é a variação plural de Schettino. E

o apelido teria sua origem na profissão de fabricante e mercador de carros e carruagens em geral.

CARMITA MONTEIRO, rua

(José Arruda) – Começa na rua Cândida Maria F. Lamoglia.

Carmita nasceu em Patrocínio do Muriaé, em 15.11.1934. Era filha de Sebastião Monteiro e Maria Rita Monteiro. Faleceu em Juiz de Fora, aos 61 anos, no dia 09.07.1990. Era casada com José Arruda, com quem teve 9 filhos.

CARMO, NOSSA SENHORA DO, rua

(Vila Miralda) – A lei nº 3.457, de 04.10.2002, deu nome a esta via pública.

O livro “O Santo do Dia”, de Dom Servílio Conti, I.M.C., da Editora Vozes, 1986, página 307, ensina que 16 de julho é o dia da grande festa da Ordem dos Carmelitas e da grande família dos devotos de Nossa Senhora do Carmo.

Segundo uma antiquíssima tradição, no monte Carmelo, na Terra Santa, se formou um mosteiro de profetas à espera da vinda do Messias. Verdade é que no monte Carmelo vivia uma comunidade de eremitas que, por volta de 1.150, foi transformada em Ordem religiosa. Em 16.07.1251, a Virgem Maria indicou a São Simão Stock, sexto superior geral da Ordem, o escapulário como insígnia especial de seu amor maternal. Daí o nome da Festa do Escapulário dado à solenidade deste dia. O escapulário é uma veste comum a muitas congregações religiosas mas particularmente distintiva da Ordem os Carmelitas.

A devoção a Nossa Senhora do Carmo é das mais antigas e espalhadas pelo mundo, sobretudo nos meios de origem espanhola.

CASTRO ALVES, rua

(Pirineus) – Começa na rua Olímpio Mourão Filho. A lei nº 807, de 09.08.1972, diz que “fica denominada rua Castro Alves a via pública, sem denominação, que partindo da rua General Olímpio Mourão Filho, no bairro Santa Teresa, nesta cidade.”

Antonio Frederico de Castro Alves nasceu na Bahia, na Vila de Currealinho (hoje cidade de Castro Alves), no município de Muritiba, em 14.03.1847 e faleceu em Salvador (BA), em 06.06.1871. Muito cedo o poeta tomou o partido dos escravos e lançou suas idéias em prol da abolição. Abolicionista exaltado, aliviava suas preocupações revolucionárias com a sua visão romântica. Castro Alves morreu tuberculoso, aos 24 anos, deixando uma vasta obra literária que o torna, hoje, um dos mais lidos e populares poetas brasileiros.

CATEDRAL, bairro



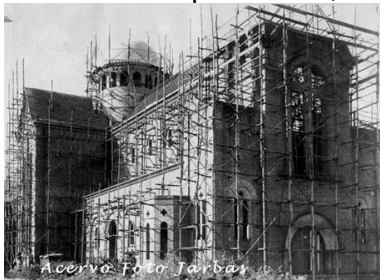
O bairro da Catedral compreende as ruas e praças que circundam a igreja matriz.

O nome Catedral indica ser esta a principal igreja do bispado de Leopoldina.

Sobre a atual matriz vale recordar que o Almanaque de 1886 informa que “1832 o reverendo cura Manoel Antonio rezou a primeira missa numa tosca capelinha, coberta de bicas de palmito e erecta no alto do morro do antigo cemitério e da força.”

Isto nos leva a concluir que esta primeira capelinha foi construída no morro dos Pirineus.

No mesmo Almanaque o autor segue afirmando que “em verdade a religião não sentia simpatia por tal vizinhança e pois o templo mudou-se, como a arca, para o meio do morro de São Sebastião, entre as casas ora pertencentes ao Dr. Américo Lobo e a João Netto, sendo afinal transferido para o alto, onde hoje campea a igreja matriz.”



CAXIAS, DUQUE, rua

(Três Cruzes) – Começa na rua Ferreira Brito e segue em direção à Manoel Antonio de Almeida.

Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, é o patrono do Exército Brasileiro. Nasceu na Vila Estrela, no Rio de Janeiro, em 25.08.1803 e faleceu em Valença (RJ), em 07.05.1880. Participou de inúmeras batalhas à frente das tropas brasileiras. Teve participação ativa na Guerra da Tríplice Aliança. Foi senador, ministro da guerra e conselheiro do Império.

CEMITÉRIO, bairro

O bairro do Cemitério é a parte da cidade que fica nas proximidades do atual campo santo, na saída para Cataguases. O local é geralmente conhecido como Alto do Cemitério. Abrange, dentre outras, as ruas Abílio Jerônimo, Enéas Lacerda França, Manoel Januário, a alameda Cyro Gonçalves de Oliveira, a escadaria Antero Fernandes, a vila Mariana e as praças Madre Angeles Echeverria e São José.

O nome de Cemitério Nossa Senhora do Carmo surgiu com a lei nº 96, de 18.02.1950. Neste mesmo dia, através da lei nº 97, o largo do Cemitério, que existia em frente ao portão, passou a chamar-se praça São José.

Vale lembrar, ainda, que outros locais da cidade também já serviram como cemitério. Francisco de Paula Ferreira de Rezende, talvez o primeiro historiador da cidade, refere-se ao primeiro cemitério de Leopoldina como “situado no morro que ficava para trás da Rua do Rosário (atual rua Tiradentes), na estrada que se estendia para os lados de Laranjal, Campo Limpo e Vista Alegre”, cujos restos ele “acreditava ter alcançado”. E diz ele que “no alto desse morro teria sido construída a primeira capela do povoado”.

Noutro trecho o Dr. Rezende explica que os limites do patrimônio de São Sebastião, embora não pudesse precisar, “acreditava ser o Feijão Cru e um pequeno lacrimal (córrego) que, vindo dos lados do cemitério velho, atravessa a rua do Rosário e, depois de já estar junto com o corregozinho que passa pela Cadeia (atual Clube Leopoldina), atravessa a rua Direita e vai entrar no Feijão Cru”.

Com estas informações, resta crer na hipótese desse primeiro cemitério “para trás da rua do Rosário” ser, então, no morro dos Pirineus, pelo lado da rua Pres. Carlos Luz ou, mais para o lado da atual Cadeia. Exclui-se o morro do hospital, pelo lado da Cotegipe, por entender que mais lógico seria o autor referir-se a ele como sendo o morro que divisava o bairro da Grama. Também não se cogita da encosta onde se localiza o bairro Esteves porque ele noutro trecho cita a mina das Tabocas, utilizada pelos moradores.

É bom lembrar que o Dr. Rezende veio para Leopoldina em 22.09.1861 e que, em 1865 adquirira a fazenda Filadelfia e que o atual cemitério, na rua Riachuelo, foi construído nas terras doadas por ele, quando era proprietário de uma chácara que, segundo ele, ficava “quase pegada à igreja do Rosário, que então se começava a construir”.

O Almanak Administrativo de Minas Gerais, de 1865, informa que naquele ano, Leopoldina contava com um “cemitério decente, murado e com capela”.

Ora, se ele imagina ter conhecido os restos de um, em 1861 e, foi o doador das terras para a construção do outro, antes de 1865, óbvio está que teria existido um terceiro, que estava em uso na sua época. E, parece não haver dúvidas de que este seria o que existiu na atual escadaria de acesso à catedral, no final da rua Lucas Augusto.

O jornal O Leopoldinense, de 07.11.1880 informa que naquele ano foi construído o Cemitério da rua Riachuelo. Diz mais, que os serviços de carpintaria de sua capela foram contratados com o Sr. Guilherme Pereira de Castro, da marcenaria 1º de Março.

Jornais de 1881 dão conta de que a câmara municipal reclamava do Tesouro Provincial o pagamento de verba destinada ao cemitério de Leopoldina. Tais recursos, segundo o noticiário escrito, não chegaram à cidade até maio de 1882.

No jornal O Leopoldinense, de 13.04.1882, o guarda do cemitério público avisa que necessitará “abrir sepulturas do outro lado do cemitério, extrair os ossos e depositá-los em uma vala”. Uma clara evidência de que havia problemas de super lotação.

Mas, por esta época, o novo cemitério da rua Riachuelo já era conhecido. O jornal de 27.04.1882, comenta que “um cavalo bravo disparou pelas ruas da cidade e só foi preso na porta do cemitério novo” e, em 10.12.1882, o sepultamento de D. Rita B. de Almeida ocorreu no Cemitério da rua Riachuelo.

Segundo Barroso Júnior, o primeiro sepultamento ocorrido no atual cemitério foi o de Romão, cidadão de muito brilho na política leopoldinense de outrora.

Novas pesquisas nos levam a crer que Barroso Júnior queria referir-se a Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda que, no entanto, faleceu no dia 14 de março de 1872, cujo traslado teria ocorrido entre 4 e 8 de julho de 1883 para a sepultura número 393 do então Novo Cemitério, chamado oficialmente de Cemitério Público de Leopoldina, conforme consta primeiro livro do CPL, folhas 13.

Considerando que a secularização obrigatória dos cemitérios ocorreu por conta do Decreto nº 789, de 27.09.1890, da Presidência da Província de Minas Gerais, o Cemitério inaugurado em agosto de 1880 como o nome de Cemitério Público deve ter sido um dos precursores de tal tipo de instituição na terra mineira. Os dois primeiros sepultamentos no cemitério novo foram os de:

- João Batista Martins Guerra, de 45 anos, filho de Quintiliano Martins da Costa, branco, enterrado 15.08.1880 na sepultura 487; e o de
- João, de 1 dia, filho de Francisco José Machado, branco, enterrado 19.08.1880, sem número de sepultura, possivelmente por ter sido “sepultado sem bênção”.

Finalmente, como registro, fica a informação de que os dois primeiros livros do cemitério público de Leopoldina, um para cidadãos livres e outro para escravos, tiveram seus termos de abertura assinados por João das Chagas Lobato a 15.08.1880 e que o primeiro registro de sepultamento ocorreu no dia 20 daquele mês.

CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO, rua

(Pirineus) – Pela lei nº 1992, de 07.04.88, de Ely Rodrigues Netto, foi dada esta denominação à via pública que liga as ruas Senhor dos Passos e Antônio Custódio.

Acreditamos que o nome tenha alguma ligação com a lenda que diz ter partido do alto dos Pirineus uma comitiva de diversos escravos recém libertos para mostrar, no centro da vila, que haviam obtido a carta de alforria.

Ver mais, em “Pirineus”.

CHICO BASTOS, bairro

Embora a lei nº 1514, de 06.08.81, já se refira ao bairro, ele ainda não está povoado. Está situado nas terras que pertenceram ao homenageado, no lado esquerdo da avenida Getúlio Vargas, entre o prolongamento da rua Francisco de Andrade Bastos (Chico Bastos) e o bairro Jardim Lisboa. Abrange, dentre outras, as ruas José Arantes Junqueira, José R. Junqueira, José W. Arantes Junqueira, Maria Botelho Junqueira, Helena Andrade Junqueira e praça Arlette Bastos.

Ver Francisco de Andrade Bastos.

CIPRIANO PEREIRA BAIA, rua

(Pirineus) – Começa na praça Alípio Assunção.

CLEBER PEREIRA SALES, rua

(Maria Guimarães França) – Tem seu início na rua Arthur Maranhã e finda na rua Antônio Couto Filho. O nome desta rua surgiu com a lei nº 1141, de 06.08.1976.

Cleber nasceu a 28.11.1930 e faleceu a 05.04.1976. Era filho de Jair Pereira Sales. Foi, juntamente com o seu irmão Heber (ver praça Heber Sales), comerciante no ramo de material de construção (Casa Sales, que inicialmente funcionou na rua Gustavo Barbosa Miranda e depois, foi transferida para a rua Francisco de Andrade Bastos, no local onde existiu a primeira igreja de São José). Na década de 1960, Cléber foi diretor e mantenedor do Comercial Futebol Clube.

CLÓVIS JUNQUEIRA BASTOS, rua

(Fábrica) – A denominação oficial desta rua surgiu com a lei nº 1.462, de 07.08.1980. Esta via tem seu início na rua Francisco Andrade Bastos e finda na rua Juvenal Carneiro.

CLÓVIS SALGADO GAMA, DOUTOR, avenida e praça

Avenida - (São Cristóvão) – A lei nº 1.278, de 18.08.78, do vereador Ely Rodrigues Netto, “Dá denominação de avenida Clóvis Salgado Gama à via pública localizada à margem direita do bairro Bela Vista, que no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua 16. (A que tem seu início na praça Juscelino Kubitschek e finda na av. Renato Monteiro Junqueira).

Pelo mapa editado pela Prefeitura em 2000, esta avenida começa na rua Omar Resende Peres e termina no bairro Imperador.

Praça - (Jardim Bandeirantes) – Pela lei nº 1.470, de 11.09.80, deu-se a denominação de praça Governador Clóvis Salgado, à praça pública situada no bairro Jardim dos Bandeirantes, onde se localiza a capela Bom Jesus.

Quanto ao homenageado, podemos dizer que o Dr. Clóvis nasceu em 20.01.1906, na fazenda Copacabana, em Leopoldina. Era filho de Luiz Salgado Gama e Virgínia Salgado Gama. Irmão de outros quatro médicos (Luiz, Gilberto, Jório e Jairo) este último, ex-prefeito e nome de logradouro público na cidade. Dr. Clóvis destacou-se como médico, professor catedrático, cientista e cirurgião. Eleito vice governador do estado, no afastamento do titular (Juscelino Kubitschek), assumiu o governo do estado. Trouxe para Leopoldina o Conservatório de Música Lia Salgado e assinou a lei que transformou o Ginásio Leopoldinense em Colégio Estadual. No governo do presidente Juscelino Kubitschek, em 1957, como Ministro da Educação e Cultura, organizou a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo tendo Leopoldina como plano piloto. Criou a biblioteca pública municipal e a Escola Parque.

COHAB-NOVA, bairro

Ver Joaquim Furtado Pinto.

COLATINO BARBOSA DE CASTRO, rua

(Esteves) – Começa na rua Nicolau Estesves e termina na rua Edson Barbosa Rezende. Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 1194, de 16.06.1977.

Colito, como era geralmente conhecido, foi fazendeiro e, em 15.11.1966, elegeu-se vereador e vice-prefeito. Segundo o projeto de lei que deu nome à rua, Colito chegou a exercer o cargo de prefeito da cidade, demonstrando as suas qualidades de homem público e político conciliador.

No dizer de Mário de Freitas, em “Leopoldina do Meu Tempo”, Colito era “admirável pela simplicidade de sua vida e dos seus costumes, íntegro de caráter e nobre de sentimentos”.

Nascido 07.01.1894 em Argirita, faleceu 04.03.1977 em Leopoldina. Casou-se 17.02.1917 com Sebastiana Barroso (conhecida como Dona Anita), natural de Descoberto. Era filho de Joaquim Barbosa de Castro e Emiliana Antunes de Faria. Embora a família tenha como sendo Mar de Espanha a origem de Joaquim, na verdade ele nasceu em 23.11.1867, no distrito de Bom Jesus do Rio Pardo (atual Argirita) que, na época, estava vinculado a Mar de Espanha. Emiliana, por sua vez, nasceu 09.09.1873 em Argirita. Segundo apuramos, Joaquim era filho de Francisco e foi batizado 09.06.1843 em Argirita. Era neto paterno de Felipe Barbosa de Castro, dos primeiros moradores do antigo Curato. Emiliana era filha de João Lopes de Faria Filho e Minervina Augusta Vieira, família esta que consta como povoadora do Taruaçu.

Felipe Barbosa de Castro, pai do Francisco e avô do Joaquim, bisavô do Colito, migrou com a família da esposa Maria Francisca da Assunção para a região da atual cidade de Muniz Freire, no Espírito Santo.

Muitos moradores da região Muniz Freire, em local na época chamado de Bom Jesus do Rio Pardo do Norte, adquiriram terras numa cidade ao norte do estado do Espírito Santo que recebeu o nome da esposa do governador, D. Colatina. Este foi, por exemplo, o caso do bisavô do Colito que talvez tenha sido batizado com o nome de Colatino por causa da cidade onde moraram seus bisavós paterno.

Colito foi proprietário de terras no Caldeirão Tampado, na década de 60 e de uma casa na praça Gama Cerqueira.

CONCEIÇÃO SOARES MONTEIRO DE CASTRO, PROFESSORA rua

(Seminário) – Começa na rua Padre José Domingues Gomes e finda nas proximidades da ponte da Amizade. A lei nº 898, de 15.05.1973, “dá denominação de rua Professora Conceição Soares Monteiro de Castro à via pública que começa na esquina em que se encontra o Anexo do Colégio Estadual, no bairro do Seminário.”

Homenageia a antiga professora de canto e música do Colégio Estadual Professor Botelho Reis, que foi casada com o também professor Gustavo Monteiro de Castro.

Quanto a esta rua é interessante observar que a lei nº 466, de 27.03.1963, “dá nome de rua São José à via sem nome que, partindo do Seminário, segue em direção de seus terrenos, passando pelas casas de propriedade de D. Amália Cortes, Osmar Paixão de Paula e outros.”

Pelas informações desta última lei pode-se concluir que esta rua São José é a mesma que recebeu o nome da Professora Conceição. Até porque a outra rua que poderia ter recebido o nome de São José, seria a Padre José Domingues Gomes, nominada pela lei nº 897, de 15.05.1973.

Ocorre que esta lei nº 897 diz que o nome do Padre será dado a uma “via pública que começa na praça indo em direção ao bairro Seminário”, o que é bem diferente de “partindo do Seminário”, conforme constou da lei nº 466.

Quer nos parecer que o legislador não foi informado de que a citada via tinha o nome de rua São José, quando resolveu homenagear, merecidamente, a Professora Conceição.

CONTORNO, rua

(Cemitério) Começa na rua Joaquim Ferreira Brito e segue contornando o morro do Cemitério, pela parte baixa, subindo pelo lado do bairro Jardim Bandeirantes, indo encontrar a praça São José.

A lei nº 602, de 01.03.1967, estabelece que “fica denominada rua do “Contorno” a via pública desta cidade que, iniciando na rua Joaquim Ferreira Brito vai terminar na praça São José, conhecida pela denominação não oficializada de rua Santa Terezinha.”

COSTA MONTES, rua

(Fábrica) – Tem seu início na trecho final da rua Francisco de Andrade Bastos e, em curva, encontra a avenida Getúlio Vargas, em frente ao antigo prédio da fábrica. Seu nome anterior era rua dos Operários. Pela lei nº 1728, de 10.05.1985, esta rua recebeu o nome de Perciliano de Oliveira. Posteriormente, em 20.05.1986, pela lei nº 1802, de autoria do vereador Benedito Rubens Rennó Guedes o seu nome foi alterado para Costa Montes.

Homenageia Perciliano Carlos de Oliveira, nascido a 11.05.1895 e falecido em 08.05.1972, que ficou conhecido como sr. Costa Montes. Perciliano era natural do distrito de Providência, deixou 16 filhos, trabalhava como charqueador mas tornou-se mais conhecido na cidade por sua atividade como homeopata prático, que exercia com o único propósito de ajudar às pessoas.

COTEGIPE, rua



(Centro) - É a rua principal da cidade. Começa na praça General Osório e termina na rua Lucas Augusto, em frente à Prefeitura Municipal. Nela está a casa onde residiu Augusto dos Anjos, hoje transformada no Centro Cultural Espaço dos Anjos. Os mais antigos conheceram-na como Barão de Cotegipe, endereço de muitas personalidades importantes do município. Hoje ela se transformou na principal rua de comércio da cidade.

Recebeu o nome de rua Municipal, quando foi aberta, em 1855. Depois, por proposta do vereador Augusto Monteiro, adotou o nome de rua das Flores, segundo Barroso Júnior.

No Livro de Atas nº , às fls 76 verso, 25.07.1879, trata-se da adequação da rua que “da rua direita dirige-se a municipal pelo morro da Matriz, de conformidade com a postura, por que não tem 30 palmos de largura a dita rua.”

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o sexto quarteirão compreendia a rua Cotegipe, a partir da casa do Custódio Cruz, até a estação e a rua da Palha.

Seu nome homenageia o Barão de Cotegipe, João Maurício Wanderley, nascido na vila da Barra do Rio São Francisco (BA), em 23.10.1815 e falecido no Rio de Janeiro, em 13.02.1889.

Segundo consta, descendia o Barão de família holandesa. Bacharelou-se em Direito em Olinda (PE). Figura importante do país, Cotegipe era membro do Instituto Histórico e Geográfico, presidiu o Banco do Brasil, foi deputado geral e senador por sua província,

pertenceu ao Conselho do Imperador, foi ministro da Marinha e da Fazenda e ocupou a pasta de Negócios Estrangeiros. Foi um dos mais notáveis estadistas brasileiros e, segundo Ely Behar, em “Vultos do Brasil”, morreu sem recursos e completamente pobre.

CRIANÇA, travessa

(São Luiz) – Liga a rua Ranulfo Matola Miranda à travessa Santa Luzia. Recebeu este nome através da lei nº 1.794, de 14.05.1986, de autoria do vereador Darcy Luiz V. Resende.

É, talvez, um dos nomes mais apropriados para um logradouro que sempre abrigou a criançada do bairro.

CRISTÓVÃO, SÃO, bairro

Pela lei nº 1362, de 02.08.1979, passou a denominar-se bairro São Cristóvão toda a área localizada no lado direito do atual bairro Bela Vista, observando como limite o córrego que passa por aquele local.

É cortado pelo ribeirão Jacareacanga e compreende as ruas: Antônio de Oliveira Filho, Carlos Schettino, Clóvis Salgado Gama, Dário Lopes Faria, Domingos Zambrano, Hercílio Almeida Lima (Morais), Garibaldi Cerqueira, Hilda Maria Fortes, João Gouvêa, João Paulino Barbosa, José Eugênio Dutra, José Gomes Domingues, Nicácio Sales, Omar Resende Peres, Renato Monteiro Junqueira, Salvador Rodrigues Y Rodriguez e avenida Funchal Garcia.

O nome deste bairro homenageia o padroeiro dos motoristas. Todos os anos, São Cristóvão é lembrado pelos seus devotos que organizam procissão que percorre o bairro e várias ruas da cidade.

Do livro “O Santo do Dia”, de Dom Servílio Conti, extraímos a informação de que São Cristóvão, cuja data se comemora a 25 de julho, mereceu um culto litúrgico desde os tempos mais remotos, na igreja Oriental e na Romana. Por toda a Europa e pelo Brasil existem muitas igrejas a ele dedicadas. Em sua honra foram fundados conventos, patronatos, abrigos e irmandades, muito embora pouco se saiba sobre sua vida. Cristóvão, segundo o autor, significa “portador de Cristo”.

CRUZ, SANTA, bairro

A lei nº 1987, de 04.08.88, que dá nome de rua Manoel Januário a uma via pública diz que a mesma fica no bairro Santa Cruz.

Para os cristãos a cruz é o símbolo de redenção operada por Cristo. O dia 14 de setembro é consagrado, pela igreja, à Exaltação da Santa Cruz de Cristo.

CUSTÓDIO JUNQUEIRA, DOUTOR, rua



(Centro) – Começa na praça Félix Martins, cruza a praça Francisco Pinheiro de Lacerda e vai encontrar a estrada que segue para Abaíba. Nesta rua está o Clube do Moinho. Por fotografias existentes nos arquivos do Centro Cultural Espaço dos Anjos conclui-se que esta rua é a antiga avenida Santa Isabel, que também recebeu a denominação de avenida Desengano.

O Dr. Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira nasceu na fazenda Niagara, no município de Leopoldina no dia 25.02.1875 e faleceu aos 66 anos de idade, em 19.03.1941. Era filho de José Ribeiro Junqueira e de D. Antonia Augusta Lobato Monteiro Junqueira. Em 1897 formou-se em medicina pela Escola Nacional do Rio de Janeiro. Logo após a formatura veio clinicar em Leopoldina. Casou-se com D. Emerenciana Botelho Reis Junqueira. Por 2 anos trabalhou na Bélgica como fiscal dos serviços de recebimento de café das cooperativas de Minas Gerais. Foi vereador pelo distrito de Santa Isabel (1904) e vereador geral em 1908. De 1912 a 1922 exerceu o cargo de presidente da câmara municipal. É um dos fundadores do Ginásio Leopoldinense (Colégio Estadual Prof. Botelho Reis), onde exerceu o cargo de diretor geral. Foi, ainda, diretor da Casa de Caridade Leopoldinense. Lecionou na Faculdade de Odontologia de Leopoldina.

CUSTÓDIO LACERDA, rua

(Caiçara) – Começa na avenida Jehu Pinto de Faria, à direita de quem chega na cidade, logo após o posto da Polícia Rodoviária Federal, e entra pelas terras que outrora pertenceram à chácara do Custódio Ferreira Lacerda, geralmente conhecido como Custodinho Lacerda. O nome oficial desta rua surgiu com a lei nº 1.394, de 16.11.1979.

Custódio Lacerda era ruralista e deixou enorme descendência. Nasceu 04.07.1894, filho de Custódio Lacerda Ferreira e Augusta Esméria Rodrigues. Neto paterno de Ezaú Antônio Ferreira Brito e Mariana Flausina Ferreira Neto. Neto materno de Vicente Rodrigues Ferreira e Luciana Francelina da Anunciação. Tem na sua ascendência todos os troncos povoadores de Leopoldina. Casou-se com sua prima Etelvina Rodrigues Ferreira, filha de seu tio-avô Antônio Vicente Ferreira. Foi pai de Altamiro, Benício, Dionízio e Nízia (também nome de rua), entre outros.

Ver famílias em Joaquim Ferreira Brito e Antônio Almeida Ramos.

CYRO GONÇALVES DE OLIVEIRA, alameda

(Cemitério) – Começa na rua Manuel Januário. É a alameda de acesso às capelas mortuárias. Seu nome oficial surgiu com a lei nº 2421, de 13.08.1992.

O homenageado nasceu 02.01.1900 em Piacatuba. Lavrador, transferiu-se para Argirita onde passou a exercer também a profissão de carpinteiro. Aí casou-se com Izaura Silveira Gonçalves, nascida 21.12.1908 em Argirita, filha de Bráulio Campos da Silveira e Alzira Dolores da Silva. Mudou-se para Leopoldina em 1936, residindo até o fim da vida na atual rua Manoel Januário, próximo à entrada para as capelas mortuárias. Cyro faleceu 18.04.1984 e Izaura 26.05.1989, em Leopoldina.

SUMÁRIO